

A FAIXA DE DOBRAMENTO PARAGUAI NA SERRA DA BODOQUENA E DEPRESSÃO DO RIO MIRANDA, MATO GROSSO DO SUL

Ginaldo A. da C. Campanha¹, Paulo César Boggiani¹, William Sallun Filho², Fernanda Rostirola de Sá³, Mariana P. S. Zuquim¹, Thiago Piacentini⁴

¹Instituto de Geociências da USP, ginaldo@usp.br, ²Instituto Geológico, ³Petróleo Brasileiro S.A.,

⁴School of Earth Sciences, University of Queensland.

Com base em levantamentos de campo, análise estrutural e petrográfica, e na integração de um conjunto de dados inéditos em projetos, teses, dissertações e monografias buscou-se no presente trabalho compor um quadro geológico-estrutural da Faixa Paraguai meridional em uma ampla região em Mato Grosso do Sul, balizada aproximadamente a oeste pelas escarpas da Serra da Bodoquena e a leste pela serra de Maracaju (Figuras 1 e 3).

A Faixa Paraguai meridional evoluiu como um típico *fold-and-thrust belt*. Sua evolução principia por rifteamento, provavelmente no final do Criogeniano, evoluindo para mar restrito e transgressão marinha extensiva até o final do Ediacarano. O final do processo colisional ocorreu no início do Cambriano, com magmatismo pós-colisional no Cambriano Superior. O Grupo Corumbá é subdividido em cinco formações (Cadiueus, Cerradinho, Bocaina, Tamengo e Guaicurus), estratigrafia esta observada até nas porções mais deformadas no centro-leste da área. A Formação Puga é colocada como correlata às suas formações basais, Cerradinho e Cadiueus (Figura 2). No extremo oeste da área, o Grupo Corumbá está depositado em inconformidade sobre o bloco cratônico Rio Apa (Figuras 3 e 4). Para os xistos do extremo leste da área, é proposto o nome local Xistos Agachi. Durante o Ediacarano,

sincronicamente com a deformação, granitogênese de arco e metamorfismo do Grupo Cuiabá a leste, ter-se-ia a deposição das formações Tamengo e Guaicurus a oeste, provavelmente num contexto de bacia de antepaís (foreland). São observadas até três fases de dobramento sobrepostas coaxiais, associadas a metamorfismo de fácies xisto-verde e sistemas de falhas de empurrão, com vergência tectônica para oeste (Figura 4). A convergência colisional em direção ao bloco Rio Apa não foi completamente frontal, existindo algum grau de obliquidade, com vetores de convergência em torno de WNW – ESE. A variação do estilo estrutural e metamórfico pode ser explicada pela migração do front deformacional de leste para oeste (Figura 5). As principais falhas de empurrão coincidem com limites bacinais importantes, sugerindo que estes empurrões reativaram falhas lítricas do estágio rift.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com Auxílio à Pesquisa da FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 04/012330) e é uma contribuição ao IGCP 478 (Neoproterozoic- Early Palaeozoic Events in southwestern Gondwana).

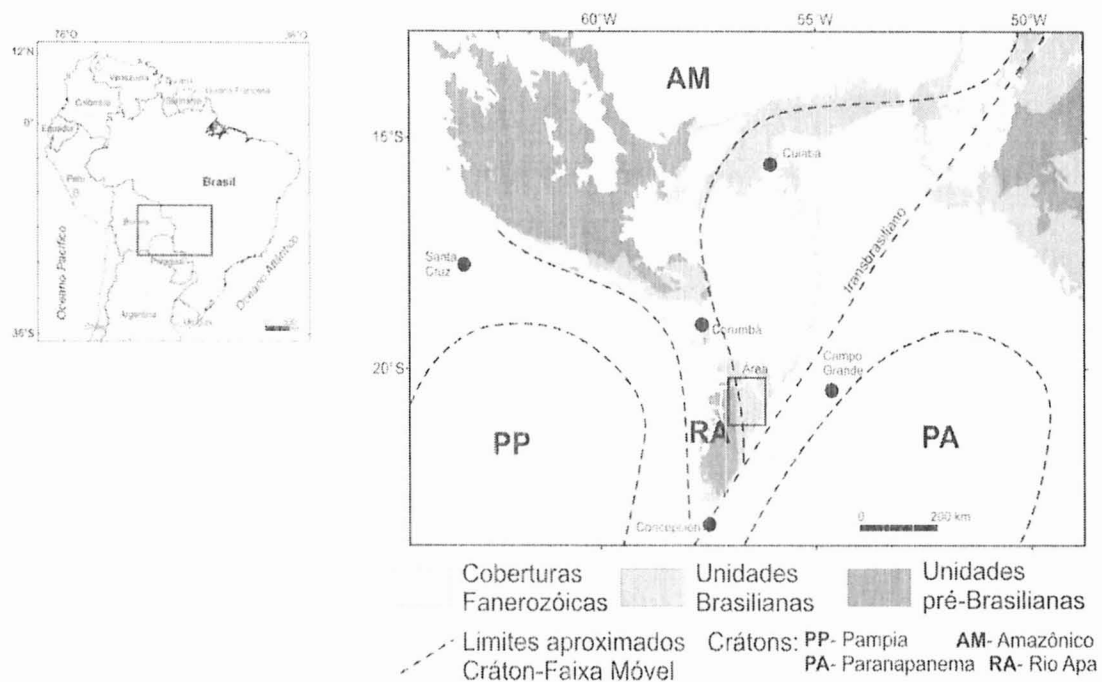


Figura 1. Contexto tectônico da Faixa Paraguai e localização da área estudada.

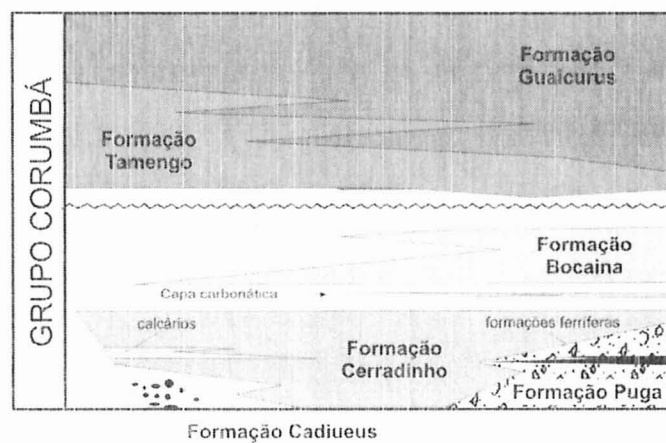


Figura 2. Carta Estratigráfica do Grupo Corumbá e Formação Puga.

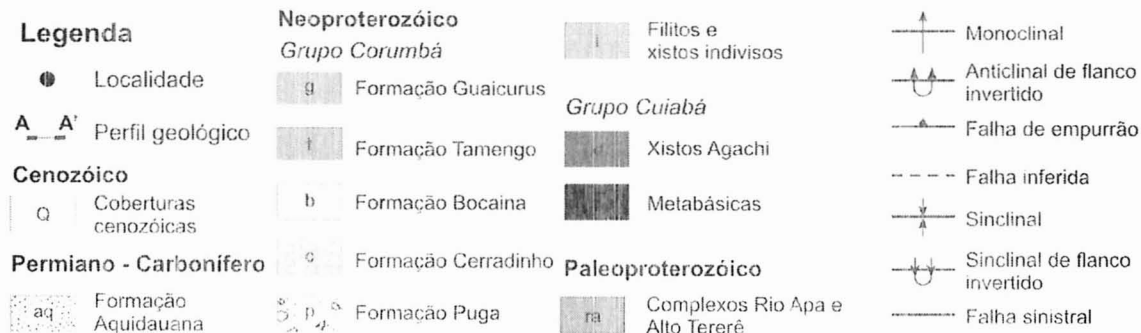
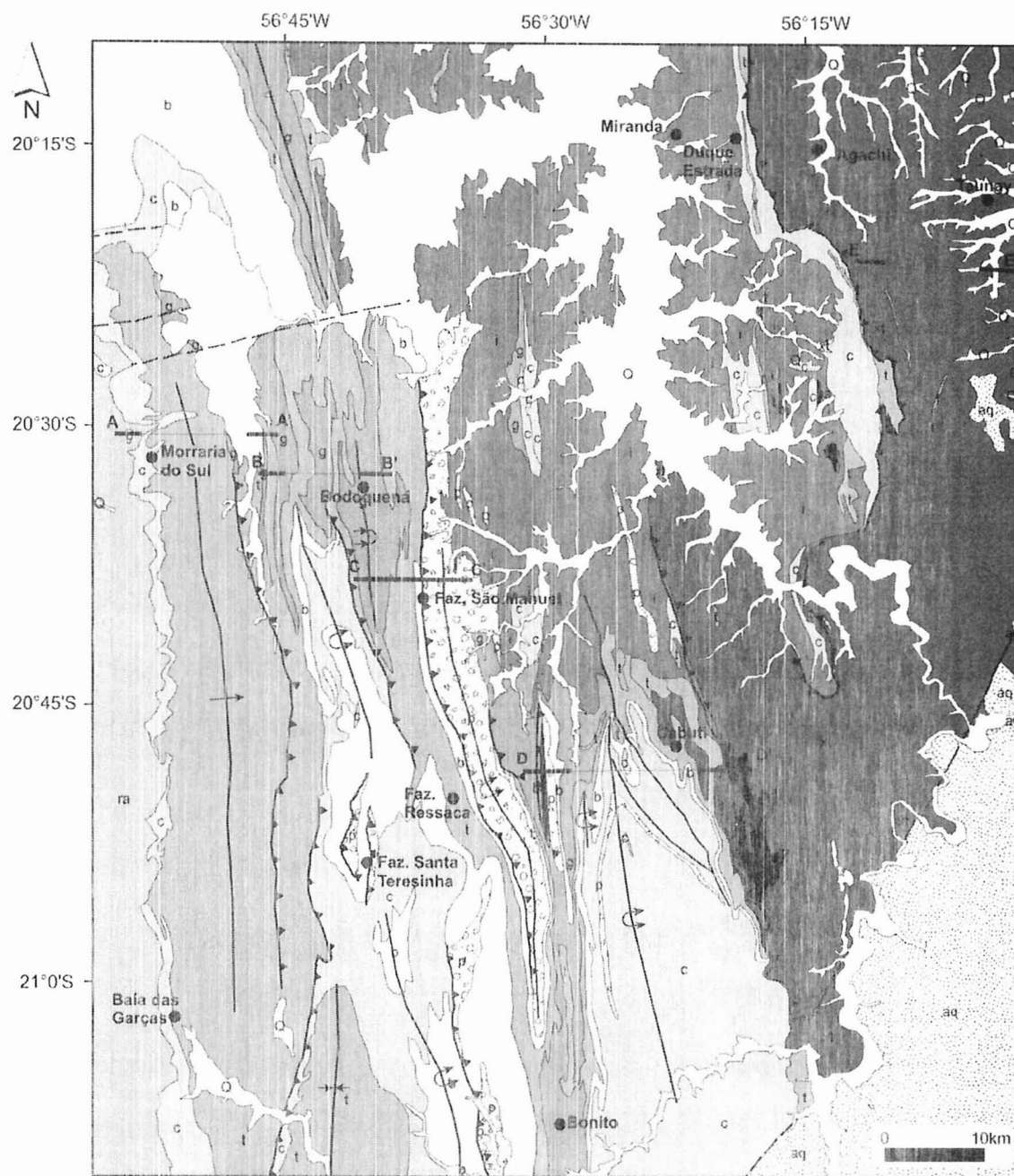


Figura 3. Mapa geológico de parte da Faixa Paraguai meridional, nas regiões da Serra da Bodoquena e depressão do rio Miranda.

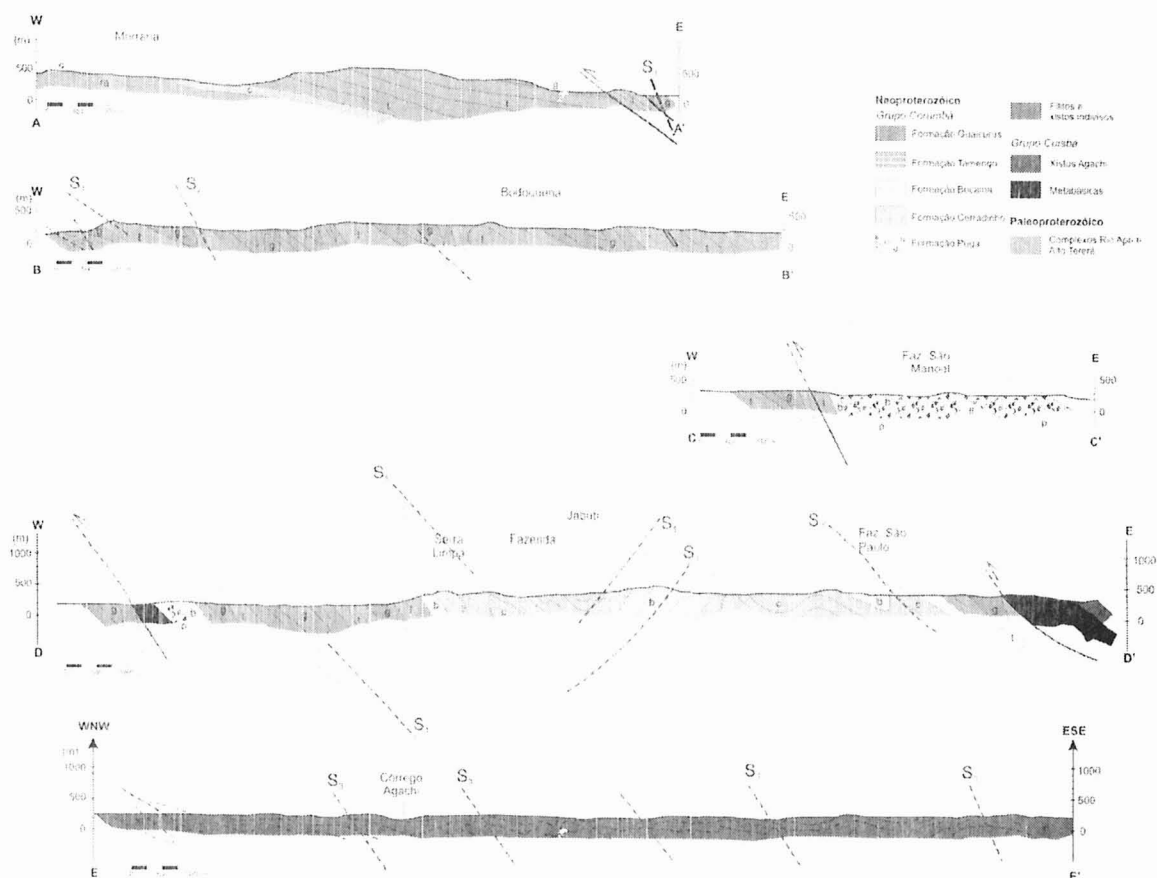


Figura 4. Perfis geológicos da Faixa Paraguaí meridional através da Serra da Bodoquena e depressão do rio Miranda.

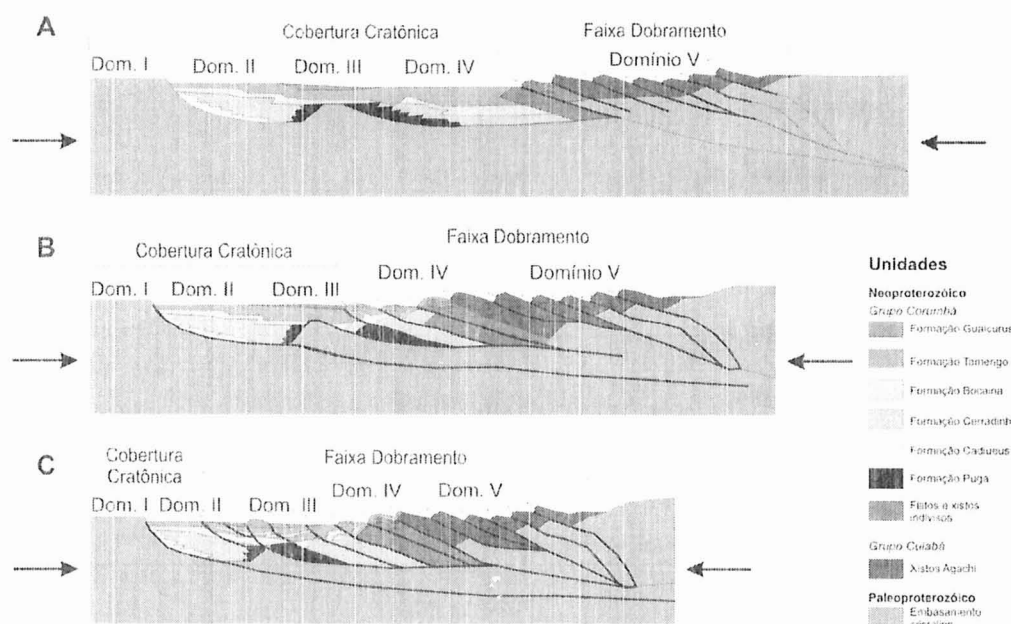


Figura 5. Modelo de evolução estrutural para a Faixa Paraguaí na área estudada, mostrando a migração do *front* deformacional de leste para oeste, em três momentos distintos.